



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16026 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 24 - Educação e Arte

UM CINECLUBE CONTRA-COLONIAL COMO DISCIPLINA DE PÓS-GRADUAÇÃO - imagens e sons indisciplinados
 Wenceslao Machado de Oliveira Junior - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
 Carlos Eduardo Albuquerque Miranda - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UM CINECLUBE CONTRA-COLONIAL COMO DISCIPLINA DE PÓS-GRADUAÇÃO - imagens e sons indisciplinados

*Como encontrar os pensamentos e as mensagens
 ao mesmo tempo urgentes e generosos
 dirigidos aos juruá, aos napë, aos cupen, aos tihi,
 aos brancos, aos colonialistas, aos cidadãos,
 pelos povos que vivem junto à terra
 e pensam a vida de outros modos,
 a partir de seus territórios?*

Felipe Carnevalli, Fernanda Regaldo, Paula Lobato, Renata Marques, Wellington Cançado

A epígrafe deste resumo é a primeira frase do texto *Escutas-escritas (e vice-versa)*,

híbrido de posfácio e apresentação do livro *Terra: antologia afro-indígena* (CARNEVALLI *et.al.*, 2023). Nele, as autoras e autores apontam que foi “em algum lugar entre a oralidade e a escrita” que foi construída a “publicação de *oralidades impressas*” (idem, p. 346) que constituem o livro.

A pergunta-epígrafe também circula entre aquelas e aqueles frequentadores/as da disciplina *Comunidade de Aprendizagem com Cinema*, quase que exclusivamente cidadinos/as, majoritariamente brancos/os, beneficiários/as da colonização. Enfim, aqueles e aquelas para quem os pensamentos e mensagens são mais urgentes e precisam ser mais generosos, tanto em delicadeza quanto em abundância.

Esta disciplina vem sendo oferecida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas desde 2017, ano em que foram aprovadas as cotas étnico-raciais neste Programa de Pós-Graduação e dois anos antes do ingresso, pela primeira vez na Unicamp, de estudantes de graduação oriundos das cotas raciais e do vestibular indígena.

Este também foi o ano em que a parceria entre um grupo de pesquisa universitário, *Laboratório de Estudos Audiovisuais–OLHO*, e uma política pública, *Programa Cinema e Educação: a experiência do cinema na escola básica municipal*, se estabeleceu com força suficiente para sustentar um tempo-espaço de criação na universidade que reunisse estudantes de pós-graduação e profissionais da educação básica (matriculados/as via extensão ou como estudantes não regulares de pós-graduação) para experimentarem “ver-conversar-fazer” juntos obras audiovisuais, como arte e política.

À diferença do livro *Terra*, na comunidade de cinema que vem ocorrendo na Faculdade de Educação da Unicamp é através das imagens audiovisuais que se faz a busca por ações, materialidades e afetos que deem respostas mais contundentes à pergunta expressa na epígrafe.

Os encontros semanais deste cineclube são atravessados por variados filmes que emergiram de territórios indígenas e quilombolas, mas também filmes que emergiram de territórios periféricos às grandes cidades latino-americanas, africanas, asiáticas, europeias, estadunidenses. Periferias não somente espaciais, mas também de gênero, de raça, de nacionalidades. Trans-periferias que gestam outros sons e imagens, outros modos do cinema funcionar a partir de seus outros modos de vida, dando visibilidade a um Outro que é invisibilizado nas habituais janelas de exibição de filmes, principalmente nas plataformas de streaming, nas salas de cinema e nos canais de televisão.

Desta maneira, uma das principais apostas que a disciplina tem feito é na curadoria de filmes a serem assistidos nos encontros, numa busca por imagens e sons que se interpõem às palavras, que as façam insuficientes para a experiência vivida com um filme de curta ou longa-metragem. Filmes que trazem consigo não somente uma história a ser contada ou um lugar a ser mostrado, mas também, e sobretudo, nos coloque diante de outros modos de viver que fazem emergir outros modos de lidar com as imagens e sons.

Como exemplos podemos falar dos filmes realizados pelos povos indígenas e seus outros modos de fazer comunidade (BRASIL A., 2021), filmes que rasuram as imagens coloniais (GUIMARÃES C., 2021), filmes de comunidades trans que colocam clichês de gênero e sexualidade em suspenso, que impõem outros ritmos às imagens e sons, outras maneiras de montar os fragmentos filmados, que fazem desmoronar as fronteiras entre gêneros cinematográficos como o filme *Quintal* (2015) dirigido por André Novais Oliveira e Maurílio Martins, da produtora Filmes de Plástico, criada em 2009, em Contagem-MG. *Quintal* é apresentado por seus produtores como “mais um dia na vida de um casal de idosos da periferia”. O casal de negros, pais do diretor André Novais Oliveira, não vivem apenas um dia no calendário, vivem um dia de experimentação estética e realismo fantástico que abre para o espectador muitos outros dias cinematográficos possíveis, um cinema que cria muitos outros mundos/dias possíveis na vida de negros, velhos e periféricos. Filmes como este constituem-se de imagens e sons indisciplinados que perguntam às teorias do cinema de onde elas veem e perguntam às análises filmicas o que elas desejam.

Curadoria é cuidar de encontrar e inventar palavras, imagens e sons, para oferecer àqueles que querem adiar o fim do mundo (KRENAK A., 2019). Fazer a curadoria de filmes para serem apresentados à comunidade de cinema é um trabalho de garimpagem, de escolha e de definições de imagens contra-coloniais. Alguns textos que abordam o tema (SALES M.; CUNHA P.; LEROUX L., 2019; 2020; 2021) auxiliam na indicação de filmes, mas nem sempre é possível encontrá-los e se aventurar a outros filmes é um trabalho de busca cuidadosa que envolve rasuras, transgressões de pensamentos, sensações e análises de um cinema colonial que nos ensinou o que é cinema. Mas estes outros cinemas fogem, escapam de suas definições coloniais, realizando outras individuações filmicas entre o que se impõe como mundo civilizado e o que se pode junto a outras terras e a outros modos de vida que transmutam seus territórios.

No entanto, para além desta aposta no que “ver juntos” tem-se também apostado na produção de filmagens pelas/os participantes a partir, sobretudo, da pedagogia dos dispositivos (MIGLIORIN, C.; GARCIA, L.; PIPANO, I; RESENDE, D., 2021) e de seus desdobramentos nas muitas e variadas experimentações de cinema nas escolas, as quais vêm legando um outro conjunto de imagens e sons indisciplinados que emergem ali mesmo no percurso da disciplina.

Mas afinal, o que pode o cinema na pós-graduação?

Formar um comum a partir daquilo que circula entre as imagens e as pessoas, entre forças não humanas e forças humanas e fazer emergir uma comunidade dissensuada em que a criação tende ao coletivo e ao infinito, uma comunidade em que a potência política e pedagógica está justamente em não se afirmar uma identidade ou singularidade estável, mas sim em fazer alianças com as diferenças que ampliam, diferenciadamente, a potência de cada corpo, seja ele humano, seja não humano, como o das imagens.

Bibliografia:

BRASIL, A. Fazer coletivos: sobre autoria e meta-reflexividade cultural no cinema indígena. In: GOMES, A.A.F. et.al. Poéticas de pesquisa: cartografando o audiovisual. Aracaju: Criação, 2021, pp. 130-148.

CARNEVALLI F. *et.al.*, Terra: antropologia afro-indígena. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

KRENAK, A., Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GUIMARÃES, C. Imagens eurocêntricas, caminhos contra-coloniais. In: GOMES, A.A.F. et.al. Poéticas de pesquisa: cartografando o audiovisual. Aracaju: Criação, 2021, pp. 15-33

MIGLIORIN, C., GARCIA, L., PIPANO, I. & RESENDE, D.. A pedagogia do dispositivo: pistas para criação com imagens. (Orgs.) LEITE C., OMELCZUK, F., Rezende, L.A. Cinema-Educação: políticas e poéticas. SOCINE – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

SALES M.; CUNHA, P.; LEROUX, L. (orgs.). Cinemas pós-coloniais e periféricos. Volume I. Guimarães: Nós por cá todos bem; Rio de Janeiro: Edições LCV, 2019.

SALES M.; CUNHA, P.; LEROUX, L. (orgs.). Cinemas pós-coloniais e periféricos. Volume II. Guimarães: Nós por cá todos bem; Rio de Janeiro: Edições LCV, 2020.

SALES M.; CUNHA, P.; LEROUX, L. (orgs.). Cinemas pós-coloniais e periféricos. Volume III. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021.

Palavras-chave:

Cineclube; Arte; Curadoria; Contra-colonial; Pós-Graduação